

# Vivências interdisciplinares na transmissão de conteúdos de música: caminhos para a educação musical no ensino regular

*Luciana Soares da Silva Lopes*  
Faculdade de Música do Espírito Santo  
*luciana.sax@hotmail.com*

*Izaura Serpa Kaiser*  
Faculdade de Música do Espírito Santo  
*izaurakaiser@uol.com.br*

**Resumo:** Este trabalho investigou professores de música quanto à utilização de conteúdos de disciplinas do ensino regular como recursos pedagógicos na educação musical. Tal investigação se deu através da confluência entre a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, cujo estudo desenvolveu-se na averiguação da interdisciplinaridade nas práticas educativas de docentes de música, ocorridas em três áreas distintas: em aulas de música no currículo de uma escola particular em Vitória-ES, num projeto de canto coral no contraturno de uma escola municipal da Serra-ES, e num curso de licenciatura em música numa instituição pública estadual em Vitória-ES. Os resultados constataram que vivências interdisciplinares acontecem na transmissão de conteúdos de música no campo de pesquisa em questão. Muito embora a conexão com diversas áreas ocorra consciente ou inconscientemente, alguns percalços também observados distanciam a contextualização do saber, conduzindo a Música como instrumento facilitador na transmissão de conhecimentos para outras disciplinas, ou apenas como arte recreativa. Podemos concluir que o recurso interdisciplinar prioriza o ensino contextualizado, bem como focaliza a *Música como disciplina importante*, agregadora de valores indispensáveis e sensibilizadores, mostrando que a Educação Musical possui conteúdo e finalidades próprias.

**Palavras chave:** Vivências interdisciplinares, conteúdos contextualizados, educação musical.

## Introdução

Nas últimas décadas, surgiram conceitos e estudos epistemológicos sobre diversas nomenclaturas; fato também observado na educação como um todo. Novos termos, como interdisciplinaridade, passaram a fazer parte de um vocabulário educacional preocupado com a formação do ser humano contextualizado, sócio culturalmente participativo e ciente do que existe em seu entorno, surgindo na educação - inclusive no ensino musical - dentro de uma categoria de ação, como uma prática conectora de outras ciências, como a Matemática, a Física, a Biologia, a Literatura, etc., proporcionando à educação musical recursos facilitadores de vivência e aprendizagem.

Sob essa expectativa, a pesquisa aqui desenvolvida teve como objetivo a verificação de conexão existente entre algumas disciplinas do ensino regular com o ensino musical, como possibilidades de ampliação na transmissão dos conteúdos musicais nas aulas dos professores entrevistados. Partiu-se do pressuposto que essa prática repensasse a educação musical como disciplina com finalidades próprias, fundamentada em si mesma e não somente como instrumento para outras áreas de conhecimento, como é mais comumente defendida na escola.

A abordagem metodológica efetuou-se através da reflexão da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo – junto a professores de instituições da rede particular e pública de ensino da Grande Vitória/ES –, na qual o fazer musical realizava-se coletivamente em aulas de música no ensino infantil, num projeto de canto coral no ensino fundamental, e num curso de graduação em música.

Este trabalho parte da compreensão interdisciplinar à análise da pesquisa de campo, quais sejam: interdisciplinaridade contemporânea, que disserta brevemente sobre a necessidade do resgate da interação de diversas áreas do conhecimento; ações interdisciplinares na disciplinaridade, que prioriza uma visão sobre práticas educativas; interdisciplinaridade no ensino musical, o qual expõe ideias de alguns estudiosos no assunto e, experiências interdisciplinares, que, através da pesquisa em foco, analisa possibilidades dessa interação entre disciplinas do ensino regular com o ensino musical.

## **Interdisciplinaridade contemporânea**

A interdisciplinaridade foi uma prática comum até o advento da revolução industrial, cujos ideais passaram a focar a necessidade da especialização de mão-de-obra que atendesse ao mercado a partir daquele momento. Entretanto, enquanto o tecnicismo respondia à demanda industrial, o ensino, de um modo geral, passou a ser cada vez mais fragmentado e específico. Com o passar dos anos, a mesma mola propulsora do setor socioeconômico assumiu características globalizadas, na qual a interação no mercado mundial proporcionou uma evolução que transbordou o processo tecno-científico, atingindo um mundo mais integrado, inclusive no aspecto sociocultural.

Incontestavelmente, tais evidências tiveram reflexos também em alguns segmentos da educação, visto que o mundo globalizado exige agora um cidadão mais contextualizado. Segundo Lima (2007, p. 52), surge, então, a necessidade do ensino ser “voltado para a

formação integral da personalidade humana, para o desenvolvimento intelectual, psicológico, sociocultural e ecológico do homem”. Conceitos que, conforme Fazenda (1999, p. 17), emergem do entrelaçamento do senso comum com o conhecimento científico, dando origem a uma nova realidade: “o pensar interdisciplinar parte do princípio de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. Tenta, pois, o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpenetrar por elas”.

Embora o termo *interdisciplinaridade* tenha inicialmente se configurado no contexto educacional, sua prática não ficou restrita às salas de aula, sendo aplicado também entre profissionais da saúde, sócio-ambientalistas, entre outros. Consequência dessa expansão é a reflexão mais abrangente do que seria, atualmente, interdisciplinaridade, visto que seu conceito é comumente confundido com outros, como pluridisciplinaridade<sup>1</sup>, multidisciplinaridade<sup>2</sup>, transdisciplinaridade<sup>3</sup> – o que não torna incompreensível sua utilização, mesmo que de maneira errônea –, fazendo, portanto, que a definição etimológica esteja ainda em formação.

Nesse entendimento, a disciplinaridade caracterizou-se, segundo alguns estudiosos, como fragmentadora dos conhecimentos, na qual cada área, após desvincular-se da filosofia, passou a valorizar sua disciplina em detrimentos de outras. Tal situação, de fato, é vista ainda hoje em nossas escolas de ensino regular, em que disciplinas, como Matemática, Português, Física, etc., são priorizadas desde a duração de suas aulas e avaliações aos materiais didáticos disponíveis no mercado.

Mesmo caracterizada como fragmentadora do saber, a disciplina, em sua organização, não conseguiu dissociar alguns itens de interseção, fato que não impediu que a interdisciplinaridade fosse ainda abordada na educação.

## **Ações interdisciplinares na disciplinaridade**

O olhar sobre essa interação entre outras disciplinas e o ensino musical, deverá ser inicialmente, o de observar o quão intrínsecos estão os elementos de uma ciência com os

---

<sup>1</sup> Espécie de ligação entre os domínios disciplinares indicando a existência de alguma cooperação e ênfase à relação entre tais conhecimentos.

<sup>2</sup> Ação simultânea de uma gama de disciplinas em torno de uma temática comum.

<sup>3</sup> Espécie de coordenação de todas as disciplinas e interdisciplinas do sistema de ensino inovado, sobre a base de uma axiomática geral.

elementos de outra, visualizando assim, objetivos que ultrapassem as bases epistemológicas e passem a focar as pontes criadas nessa relação interdisciplinar.

Por ser a música capaz de expressar e provocar sentimentos diversos, bem como de envolver análises subjetivas, as pesquisas interdisciplinares, segundo Lima (2007, p. 62), não se norteiam nos métodos, mas nos vestígios e “no estudo de cada situação em sua singularidade”, devendo conter “a marca registrada do pesquisador”. Lima (2003, p. 30) salienta ainda que “a linguagem artística é preponderantemente icônica, e por isso, o músico e o pesquisador musical têm dificuldades para explicar de forma lógica a obtenção dos resultados”, como se verifica em Matemática e Ciências, por exemplo.

Organizar uma metodologia interdisciplinar tornou-se um desafio observado por vários pesquisadores. Lima (2007, p. 58), considerando os procedimentos metodológicos interdisciplinares, cita autores como Fourez (2000) e Fazenda (2003), que admitem existirem obstáculos, desde os epistemológicos e materiais de formação à prática interdisciplinar reduzida nos diversos níveis escolares, por falta de estruturação na relação do que é proposto ensinar e que tipo de cidadão pretende-se formar. Entretanto, Lima (2007, p. 58) defende que “reformas não poderiam ser implantadas sem uma reflexão filosófica”, conferindo à interdisciplinaridade “o caráter de totalidade coerente”. Ribeiro (2008, p. 4) aponta ainda alguns problemas abordados por Frigotto (1993), como conhecer a realidade como um todo, pois, “a produção do conhecimento só se dará de forma mais efetiva na medida em que forem sendo rompidas as relações sociais que fornecem a base material desses limites”.

Dentro de uma abordagem reflexiva e de estruturação cognitiva, Duarte e Mazzotti (2006, p. 1291) vislumbram a possibilidade de “explicar e aperfeiçoar as práticas educativas”, além de “coordenar as diversas teorias sobre a passagem das concepções prévias – representações – ao conhecimento confiável ou eficaz para um determinado grupo social e suas necessidades sociais específicas”. Lima (2007, p. 63) acredita que é provável dirigirmos nossas ações no intuito de resolvermos problemas filosóficos, sociológicos e antropológicos, desde que nossa prática interdisciplinar focalize também o processo de humanização, proporcionando profundas mudanças e agregações à prática pedagógica musical. Pensamentos esses também compartilhados por Gomes e outros (2006, p. 235).

Diante dessa colocação, a educação musical também se vê categorizada como um ensino, em que, sua área de conhecimento – embora se reconheçam suas virtudes e benefícios

– é muito técnica e julgada específica. São essas particularidades que, a exemplo das outras disciplinas, também procuram resoluções interdisciplinares.

## **Interdisciplinaridade no ensino musical**

Priorizando a prática contextualizada, a interdisciplinaridade – aqui considerada enquanto possibilidade de ação do professor na condução do saber musical aliado às outras áreas do conhecimento – pode ser conferida na educação musical de maneira simples e atraente, bem como da adequação da mesma com o que há em seu entorno.

Ribeiro (2008, p. 7-8) cita o exemplo da aula de canto coral, que tende à busca natural de vários tipos de conhecimentos artísticos e biológicos, visto que, ter noções sobre anatomia, funcionamento e bom uso do aparelho fonador são conhecimentos primordiais às aulas de canto. Nesse mesmo entendimento, Lima (2003, p. 26) verifica que a música toma posse de elementos similares de outras áreas do conhecimento, como na área da matemática, da física, da mecânica, da literatura, bem como se utiliza de outras ciências, tais como psicologia, pedagogia, entre outros. No entanto, essa interação nem sempre foi tão praticada na educação musical, visto que se podem observar em seus conteúdos, fragmentações de um ensino ainda fortemente conservador, como a separação entre a teoria e a prática (BOCHNIAK, 1992, apud FUCCI AMATO, 2006, p. 66).

Descaracterizar as aulas de música do estigma de que a teoria concorre com a prática tornou-se um desafio que envolve mudanças importantes na postura didática e metodológica dos professores dessa disciplina, pois o tradicionalismo e resquícios dos antigos conservatórios, certamente deixaram raízes antigas e comodistas, capazes de ignorar qualquer tipo de interação entre os próprios conteúdos musicais, e, posteriormente, com outras fontes de conhecimentos. Trata-se de definir os contornos da disciplina, enquanto área do saber, para, num segundo momento, contextualizá-la e ampliá-la, de maneira interdisciplinar.

A busca por um status epistemológico e a delimitação da educação musical, enquanto área de conhecimento, ainda compõe temas muito discutidos por diversos estudiosos e pesquisadores. Essas delimitações exigiram um estudo coerente e definidor de um conteúdo musical ideal a ser desenvolvido nas escolas da rede pública – que optassem por esta modalidade.

A educação musical já conseguiu realizar o primeiro passo em direção à organização do conteúdo, fundamentado em bases epistemológicas. Entretanto, esses conhecimentos dificilmente são inseridos no cotidiano institucionalizado da educação brasileira – no qual podemos constatar a música como suporte para outras disciplinas ou utilizadas como extensão do lazer e recreação em sala de aula. Sobre isso, Oliveira (2007, p. 58) observa que “o ensino de música tem sido inserido no currículo escolar tanto como meio e como fim, embora a maioria das escolas de ensino básico tenha inserido a música como meio de educar crianças e jovens”.

Ainda que o ensino de música, gradativamente, conquiste vitórias, o respaldo legal propiciado através da lei 11.769/2008, não solucionará as questões até então levantadas. Conforme França (2006, p. 67), preocupações como “qualificação do corpo docente” e “pressupostos teóricos e metodológicos”, por exemplo, também figuram como pontos preocupantes e amplamente discutidos nos congressos de música, visto que, a iniciativa de muitas escolas, na inserção da música em seu cotidiano, está sendo atribuída a professores com formação musical insuficiente ou ainda a professores com outras especialidades.

## **Experiências interdisciplinares**

A pesquisa teve como premissa investigar se práticas interdisciplinares ocorrem na educação musical, bem como identificar se os professores utilizam em suas aulas conteúdos já aplicados por outras disciplinas. Nesse sentido, algumas questões iniciais foram pontuadas: a interação entre conteúdos de diversas disciplinas, com o intuito de melhorar a transmissão dos mesmos, pode ser caracterizada como ação interdisciplinar? Existiriam pontos de interseção entre as outras disciplinas do ensino regular com os conteúdos musicais? De que maneira conceitos atribuídos de forma isolada às outras disciplinas poderiam ser utilizados como recursos pedagógicos na educação musical?

Para averiguar as possíveis respostas, foram realizadas pesquisas em três cursos distintos, quais sejam: em aulas de música no ensino infantil da escola particular Colégio Sagrado Coração de Maria, na Praia do Canto, bairro de Vitória-ES; em projeto de canto coral desenvolvido no contraturno da escola municipal EMEF Prof<sup>a</sup>. Naly da Encarnação Miranda (CAIC FEU ROSA), em Feu Rosa, no município da Serra-ES, e em aulas de análise musical no curso de licenciatura em música da Faculdade de Música do Espírito Santo, instituição da

rede pública estadual em Vitória-ES. Tal opção definiu-se por abranger escolas – particular e pública – com perfis diferenciados de alunos, focalizando o ensino infantil, fundamental e superior, na expectativa de elucidar as questões em análise. Enquanto pesquisa qualitativa, a escolha dos três professores entrevistados ateu-se a delinear algumas vivências dentro do tema proposto, sem preocupação em generalizar resultados.

A entrevista foi estruturada com questões abertas, sendo oito voltadas para a identificação de seu trabalho musical na escola, e quatro a respeito de sua prática contextualizada. Sua aplicação se deu no local de trabalho de cada profissional.

A interdisciplinaridade, conforme Oliveira (2007) e Gomes e outros (2006) deve-se ao “saber-fazer” do professor, visto que somente a ele cabe querer ampliar o “repertório” de conexões, suprimir obstáculos burocráticos e fazer uso dos elementos de outras ciências. Esse raciocínio pôde ser verificado nos relatos de A.I.L.P., professora de música há cinco anos no ensino infantil, em escola particular, a qual disse utilizar-se de disciplinas como Ciências, Português e Matemática para explicar e vivenciar as músicas a serem trabalhadas no tema proposto pela coordenação da escola: “a gente trabalha muito com a experiência e como o som funciona, é uma aula de ciências com música”. Segundo essa professora, “a interdisciplinaridade ocorre quando você traz outros conhecimentos para a sua área”, e exemplifica ao relatar as pesquisas que desenvolve com os alunos na exploração das diversas maneiras de produzir sons, como os sons da natureza.

Segundo A.I.L.P, sua experiência é reconhecida pela escola, no entanto a instituição exige planejamento de aulas, sem ainda preocupar-se com a organização do conteúdo programático das aulas de música, sendo as mesmas norteadas principalmente pelas temáticas das datas comemorativas.

É provável que – conscientes ou não – muitos educadores musicais acreditam utilizar-se de recursos, conceitos e assuntos de disciplinas do ensino regular no ensino da música, com intuito de priorizá-la como um fim e não somente como um meio ou ponte: a questão da transposição entre o senso comum e a ciência, referida por Fazenda (1999).

Vejamos o depoimento de S.R.S., que completa trinta e dois anos de experiência como professor de canto coral, para alunos do ensino fundamental: “nas escolas em que trabalho, no Município da Serra-ES, não há tempo hábil para se trabalhar teoria musical, pois o objetivo do projeto com os alunos é o de inclusão social”. Entretanto, mesmo sem formação

específica de Ciências e Português, o professor admite que há necessidade de utilizar assuntos sobre o funcionamento do aparelho respiratório para explicar a seus alunos “a maneira certa de se respirar quando estão cantando”, bem como de realizar “interpretação de texto” pertinente às canções do repertório trabalhado.

Apesar das aulas serem no contraturno, é perceptível a utilização de outros saberes com o objetivo de facilitar a compreensão de elementos musicais, bem como de obter respostas satisfatórias em menor tempo de trabalho.

Diante dos exemplos acima, podemos notar que os professores entrevistados recorrem às outras áreas, como recurso de aprendizagem em suas atividades musicais; entretanto, a interdisciplinaridade, quando ocorre, é de forma livre, sem a conscientização de que a mesma está acontecendo. Quando foi perguntado para S.R.S. e A.I.L.P. se os mesmos faziam algum tipo de interação com outras disciplinas, eles responderam que a mesma só acontecia quando solicitada pelos professores de Português, História, entre outros; não partindo deles a iniciativa.

Usar a música como arte ou como ciência transcende não só o que se pode chamar de escolha, de responsabilidade somente do educador, mas olhar e compreender o que existe ao nosso redor. Lima (2007) sugere a necessidade da contextualização no ensino musical.

Diferente das experiências relatadas, o professor G.P.S.C. de análise musical do curso de Licenciatura em Música, não consegue hoje ministrar suas aulas sem relacionar alguns assuntos à matemática, por exemplo. Relata que, após estudos da relação existente entre música e matemática, não dissocia as duas disciplinas ao explicar intervalos musicais. Ele observa que os benefícios da música para a sociedade são inumeráveis, no entanto questiona: “[...] como isso pode ser tão benéfico e, em contrapartida não é aplicado nas escolas com igual importância como as disciplinas de matemática, história, geografia, português? A música nem aparece [...] e quem afirma isso são os que dirigem a parte pedagógica, como os coordenadores, a parte política, enfim [...]” e reforça: “porque então não é utilizada?”.

Sob uma ótica interdisciplinar consciente, até porque possui formação nas duas áreas, o relato anterior é de um professor que busca a valorização da música enquanto ciência, na qual tenta derrubar o mito da mesma ser atribuída à divindade, a algo sublime e inacessível.

Mesmo cientes da importância de seus trabalhos, os professores reconhecem que as dificuldades de tempo hábil, investimento de material didático e formação acadêmica mais qualificada, são alguns dos obstáculos que frequentemente esbarram na carreira de educadores musicais, bem como da pouca valorização tanto da música enquanto disciplina quanto da remuneração adequada aos mesmos.

Conforme o exposto, os depoimentos nos revelam que a conexão entre outras disciplinas do ensino regular e a música ocorre, mais precisamente, nos dois últimos casos.

## **Conclusão**

A música, no cotidiano escolar, é ainda vista como recurso para diversas outras áreas, e seus benefícios podem ser perfeitamente verificados e utilizados para resolver problemas no meio educacional. Entretanto, mais do que recreação ou ilustração, a música confere em si mesma, linguagens de comunicação, de exposição de pensamentos e comportamentos resultantes da tessitura entre o homem e seu meio. Esses fatos nos permitem estabelecer relações com os diversos conhecimentos, contextualizando-os sob a perspectiva interdisciplinar, aqui entendida como intercâmbio de saberes.

São claros os contornos das dificuldades e implicações pedagógicas que tal interação apresenta, visto que sua realização depende, além da iniciativa e do “saber-fazer” do professor, de condições necessárias para as aulas de música, acesso a uma bibliografia adequada, seja através dos recursos multimídias, ou mesmo de cursos voltados para esses profissionais.

A interdisciplinaridade verificada nas áreas investigadas embora ocorra discretamente e, em alguns casos esporadicamente, sugere propostas que ultrapassam a metodologia de trabalho – visto que só será possível interagir com outras disciplinas, se o educador musical adotar essa postura e compromisso com a pesquisa. Essas propostas são inovadoras, pois tendem a descaracterizar a educação musical apenas como arte recreativa, elevando os professores de música ao status de professores de uma disciplina tão importante quanto às outras.

Nem só de execução e performance vive a música, assim como nem só de teoria e tradicionalismo vivem as aulas de música. Aproveitar o cotidiano do ensino regular a favor dos conteúdos musicais poderá proporcionar uma vivência instigante e reveladora para os

alunos em sala de aula, pois explicar elementos rítmicos como o *pulso*, por exemplo, permite ao professor explorar assuntos pertinentes das Ciências Naturais à Língua Portuguesa, contextualizando dessa forma os conhecimentos que os alunos já tiveram, ou que ainda terão.

Um plano de ensino de sucesso se existe, ainda não foi concluído. Entretanto, buscá-lo certamente nos fará melhores profissionais; responsáveis por públicos que poderão ser apenas ouvintes ou, talvez, excelentes músicos, ou ainda, cidadãos conscientes do sistema sociocultural em que estão inseridos, capazes da auto-reflexão e do entendimento das relações dos diversos saberes e dos consequentes reflexos em suas vidas.

## Referências

DUARTE, Mônica de Almeida; MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Representações sociais de música: aliadas ou limites do desenvolvimento das práticas pedagógicas em música? *Educ. Soc.*, Campinas, v. 27, n. 97, p. 1283-1295, set./dez.2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302006000400010&iso&tlng=pt>>. Acesso em: 11 abr. 2009.

FAZENDA, Ivani . Interdisciplinaridade: definição, projeto, pesquisa. In: \_\_\_\_\_. (Org). *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo: Cortez, 1999. cap. 1, p. 15-18.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. Do discurso utópico ao deliberativo: fundamentos, currículo e formação docente para o ensino de música na escola regular. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 15, p. 67-79, set. 2006.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. Voz cantada e performance: relações interdisciplinares e inteligência vocal. In: LIMA, Sônia Albano de (Org.). *Performance & interpretação musical: uma prática interdisciplinar*. São Paulo: Musa, 2006. p. 65-79.

LIMA, Sônia Albano. Interdisciplinaridade: uma prioridade para o ensino musical. *Revista Música Hodie*, Goiânia, v.1, n.1, p. 51-65, 2007. Disponível em: <[http://www.musicahodie.mus.br/7\\_1/Musica%20Hodie7-1%20\(AlbanodeLima\).pdf](http://www.musicahodie.mus.br/7_1/Musica%20Hodie7-1%20(AlbanodeLima).pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2009.

\_\_\_\_\_. Pesquisa interdisciplinar na performance musical e na docência. *Revista Música Hodie*, Goiânia, v. 3, n.1/2, p. 26-35, 2003.

OLIVEIRA, Alda de Jesus. Ações em formação musical no Brasil e reflexões sobre as relações com a cultura. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 18, p. 53-63, out. 2007.

RIBEIRO, Silas. *Interdisciplinaridade e música: conceito e prática*. Texto disponibilizado em 7 nov. 2008. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/10967/1/interdisciplinaridade-e-musica-conceito-e-pratica/pagina1.html>>. Acesso em: 12 mar. 2009.